



# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

## EDITORIAL

Como já o dissemos no último número, a terra de Fão comemorou no passado mês de Janeiro o 15.º aniversário da sua elevação a vila. Lembra-nos que na altura tal distinção foi rebatida por alguns conterrâneos que afirmavam então que seria mais importante para a terra que se mantivesse como uma típica aldeia, das melhores entre as demais, uma grande aldeia, do que uma pequena e apagada vila. Este argumento, porém, não colheu a melhor aceitação por parte da maioria dos fangueiros e entre estes houve uma boa meia dúzia que desencadeou os maiores esforços, virou o céu e a terra, para que Fão fosse elevada à categoria de vila. E tão contentes ou ufanos ficaram os fangueiros, alguns, claro, com a promoção, que até forçaram as raias do exagero ou do bairrismo: referimo-nos, por exemplo, àqueles indicativos situados no princípio e no fim da freguesia que indicavam «vila de Fão». Felizmente que a correcção não se fez esperar, mercê das críticas que choveram de todos os lados, maxime, em O Novo Fangueiro e, não menos, no estabelecimento do Zé Barbeiro onde se reúne a fina flor dos críticos de Fão. Estamos convictos que o «socairinho» do Largo Avelino Carneiro, com a sua tertúlia bombeiral, muito constante e unida, não deixou passar o evento sem as respectivas te-souradas.

Felizmente que aquele dislate que se pode traduzir também por um excesso de muito querer, passou à história.

Que vantagens advieram para Fão da sua ascensão a vila? Onde é que estamos diferentes?

O facto de termos sido elevados a vila não nos trouxe quaisquer vantagens para além daquelas que se situam num plano honorífico, isto é, relacionado com a honra de sermos vila.

É assim a modos de termos sido condecorados com a comenda da ordem de qualquer coisa. Digamos que desta maneira melhor satisfizemos o nosso ego.

Bem, quanto a estarmos diferentes ou não, isso não depende do facto de termos ascendido à categoria de vila, mas tão somente do dinamismo dos seus habitantes. O empreendimento ou o sector mais destacável será talvez o habitacional que apresenta no entanto aspectos contraditórios: a maior parte dos compradores dessas novas habitações nem são de cá, nem convivem com os fangueiros, nem frequentam os seus estabelecimentos, em suma, não vivem a terra e corolariamente não a enriquecem. É de assinalar contudo a construção racionalizada de muitas residências na zona do Ramalhão. Aquilo está diferente, cresceu e ampliou sobremaneira a mancha residencial da vila.

(Continua na pág. 2)

## O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

### ANGELINO DA SILVA MACEDO

Há muitos anos atrás — vivíamos na Póvoa — calhou de passarmos pelo Quartel dos Voluntários daquela cidade num momento de grande azáfama, pois os bombeiros preparavam-se para sair a fim de acudir a um incêndio ou desastre (não nos lembramos bem) lá para os lados de Estela.

Apesar da rapidez dos esforços, um soldado daquela corporação incitou os seus camaradas para andarem mais depressa senão, quando chegassem, já lá estariam os bombeiros de Fão.



Esta frase, dita por um membro de uma corporação «rival», expressava fidedignamente o alto conceito em que eram e são tidos os bombeiros de Fão. Dedicção, rapidez e eficiência parecem-nos ser as características que preenchem a fama dos Bombeiros de Fão.

Os seus elementos têm o sentido de cor-

po, querendo nós dizer com isto que os voluntários amam a sua corporação e tudo fazem para lhe conferir dignidade e prestígio. Repare-se que aos sábados, domingos e horas mortas da semana, encontra-se sempre na sede ou perto dela uma meia dúzia de pessoas disponíveis para tudo, para prestarem os seus serviços, para o que for preciso, para viverem o ambiente de voluntariado. Adquirem assim espírito de grupo que rendibiliza a operacionalidade dos voluntários e transforma os seus sentimentos em vivência de abnegação. Os nossos bombeiros têm orgulho de o serem e amam a sua corporação. Foi sempre assim. Estamos a recordar os seus expoentes: o Albino Torres, o Ciro Figueiredo, o Miro, o Alaio e tantos outros que se dedicaram de alma e coração ao voluntariado. De certo modo achámos injusto destacar alguns nomes, pois todos merecem a nota vinte.

Recaindo nessa injustiça, queremos hoje, «malgré tout», expressar o sentimento que a população da terra nutre por um bombeiro que é uma referência moral quando se fala nos voluntários de Fão. Aludimos ao seu quarteleiro (é assim que se diz?) que dá pelo nome de Angelino da Silva Macedo. É exactamente o Sr. Macedo que caiu de paraquedas na corporação fangueira, em resposta a um anúncio lançado nos jornais. Não nasceu na vila fangueira o que não o impede de ser um *mais* na corporação. Nasceu em Paradela, Barcelos em 8 de Março de 1954. Tem a 4.ª classe. Quando novato exerceu as funções de marçano numa mercearia em Alcobaca. Fez a tropa, primeiro em Braga e a seguir na Guiné. Voltou à terra em 25 de Abril (é um histórico) e no ano seguinte casou-se com Maria Silva Faria de quem teve quatro filhos: Rui (19 anos), Céu (12), Pedro (11) e Raquel (4), nascida já em Fão.

Em 1979 vai sózinho cavar petrodolares

(Continua na pág. 2)

## ESPOSENDENSES EM DESTAQUE

Diariamente aparecem nos ecrans da televisão ou nas colunas dos jornais a fotografia e correspondente entrevista de variadas pessoas, por este ou por aquele motivo. São os chamados «colunáveis» que emergem do sector dos negócios, das zonas administrativas ou do mundo do futebol.

No entanto, raramente tem acontecido que esses destacáveis sejam oriundos de Esposende e seu termo. E isso deixa-nos um certo desencanto. Então em Esposende não há pessoas importantes? É certo que essa destacabilidade por vezes não enobrece quem a fama realça nem a terra que o trouxe à vida. Temos por exemplo o caso do ár-

bitro Francisco Silva, o homem mais colunável dos últimos tempos — ele aliás todo se esforça para se pôr em bico de pés — que os *mass media* envolveram em lençol de grave suspeição e que os órgãos apelativos confirmaram. Todos se lembram também do ex-Presidente do Marco que atirou o clube famalicense para a 3.ª Divisão, e que depois deu o dito pelo não dito.

Enfim, uma desgraça. Mas isso é outra guerra. Queremos referir-nos apenas àqueles que se vão destacando pela positiva.

É certo que a paisagem não tem sido totalmente desértica. Tem havido excepções

(Continua na pág. 12)

# EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

# ANGELINO DA SILVA MACEDO

(Continuado da pág. 1)

O aspecto económico acusa o aparecimento de pequenos focos dominados pelos têxteis e, ligados a estes, ampliaram-se ou criaram-se algumas tinturarias — uma delas está a ser erigida nas Pedreiras (estamos à espera da atitude da Câmara) — o que constitui uma verdadeira calamidade para a terra de Fão. A sua maior desgraça. Criaram-se várias fabriquetas e neste momento está a levantar-se, ali para os lados do Sola, um edifício que se destina a fábrica de confecções. Uma coisa é certa: há crise de mão de obra em Fão. O sector mais carente (quanto a falta de braços) é o agrícola. O espaço de terra arável tem-se reduzido substancialmente e todos aqueles que possuem um campo, leira, quinta ou tomadia estão mortinhos por os passarem a patacos. Nas Pedreiras ainda residem meia dúzia (talvez nem tanto) de famílias que vivem do cultivo das terras.

Bem, a conversão do camperinato, ou seja, do sector primário, em pessoal ascendido ao sector secundário (fatos de macaco) e até terciário, escritórios, serviços, deixa pressupor que o comércio em Fão cresceu. «Hoc opus hic labor est». 6Aqui é que a porca torce o rabo). Abriram-se meia dúzia de estabelecimentos, é certo, mas fecharam-se outros tantos. Falta audácia e «nou hou» aos comerciantes de Fão. Por sua vez o povo fangueiro, a quem os de fora chamam bairrista, ainda não entendeu que comprar na terra é também, é essencialmente, um acto de bairrismo. E essa mentalidade de mantém-se mesmo com a terra elevada à categoria de vila.

Sem dúvida que houve uma evolução, que se verificou um crescimento, mas Fão, que foi sempre «primim inter pares», deixou-se ultrapassar por outras freguesias do concelho. Quanto a compará-la à sua rival de sempre, a próspera Esposende, nem é bom falar nisso.

Essa é a maior dor dos fangueiros.

para a Venezuela. A esposa segue-o no ano seguinte. Em 1983 voltam os dois a Portugal e vão morar em Faria (casa dos pais). É aí que um anúncio, inserido num jornal diário, o encontra a pedir um contínuo para os Bombeiros de Fão. Resolve-se e assim aparece caído do céu na Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão. Ele e a família.

Cedo e bem adaptou-se à terra. Tornou-se um verdadeiro «fãonático» (leva dois assentos mas não faz mal).

O seu horário permite-lhe descansar ao domingo. Pois sim. É nesse dia que ele coloca as viaturas ao solinho. Lava-as, põe-nas a brilhar, afina-as, torna-as aptas para o que der e vier. E a causar orgulho e inveja a muita gente.

Trabalha 25 horas por dia, afirmam-no os seus mais chegados. É o primeiro motorista a partir para qualquer chamada, a qualquer hora do dia ou da noite. Sim, durante a noite, às 2, 3, 4 da manhã as ambulâncias de Fão são muito solicitadas. O Angelino veste-se e calça-se num ápice (já tem saído com um sapato de cada cor) e em pouco tempo estão (ele e a ambulância) em casa de quem o chamou. Com um sorriso nos lábios, com palavras de sossego (não há-de ser nada) ele aquieta os familiares e com muito cuidado e saber conduz os feridos ou doentes para a ambulância.

Constitui um descanso para o corpo clínico e enfermeiros pois todos sabem que um sinistrado que tem de ir para o Porto vai chegar no mais curto espaço de tempo e com o cumprimento mais rigoroso das regras de trânsito. Chama-se a isso espírito de bombeiro e nós chamamos espírito de corpo.

Por mais de uma vez levou os familiares dos sinistrados para sua casa, prodigalizando-lhes todo o conforto e os meios de condução para voltarem para a terra.

Às crianças sinistradas leva-as ao colo com uma solicitude que ultrapassa a dos próprios pais.

Ele é a expressão da realidade dum corporação de bombeiros, o paradigma de um voluntário. Queremos dizer com isto que integra a essência dum autêntica corporação de voluntários. Com efeito uma Associação de bombeiros existe para um determinado fim: apagar incêndios, socorrer os sinistrados, acudir (em termos logísticos) às necessidades de um doente. Ele supera estes requisitos com aquilo a que hoje se chama atandimento personalizado. Na noite de Natal oferece-se sempre para estar escalado, permitindo aos seus colegas o descanso que esta noite postula.

É evidente que estas características, dizemos alguns, são apanágio dos bombeiros de qualquer localidade. De Fão também. Certo. Só que o Angelino supera estes atributos ou a dimensão daquilo que deve ser um bombeiro e de tal modo que se torna num motivo de admiração para todo o Corpo Activo, para os médicos e enfermeiros e para as pessoas da terra que frequentam a corporação ou já foram beneficiadas com a sua assistência. Os colegas são os primeiros a dizer isso. Chamaram-nos a atenção para este perfil e nós, depois de um breve inquérito, constatamos que de facto estávamos perante *um mats*, um perfilável. Já o vieram seduzir para respirar outros ares, mas ele, mais que fangueiro, é um «fãonático» e portanto sente-se muito bem onde está. Nasceu para servir a comunidade e encontrou na corporação fangueira, de tão honrosas tradições, o sítio ou o meio ideal para dar vazão à sua maneira de ser.

Bem, até aqui só destacámos facetas positivas, como aliás o temos feito com outras figuras. Desta vez, porém, fizemos uma excepção e assim espreitamos para o interior da sua intimidade. E o que vimos, ou melhor, o que diz dele sua mulher, o seu complemento:

«É muito resmungão, trabalha pouco dentro de casa, é muito desarrumado e chapinha o quarto de banho todo quando se lava. É por isso — acrescenta — que eu gosto muito dele»...



## HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE  
TEL. 053 - 96 14 73/4  
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m<sup>2</sup>, frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m<sup>2</sup>, a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande Chaine des Rôtisseurs; bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

# DE APÚLIA

**A MORTE DO PRIOR DE APÚLIA** — O triste desenlace era previsível, depois da doença que tão abruptamente o atingiu. A ciência nada pode fazer, e os milagres já não acontecem nos nossos dias. O Padre MANUEL ALBERTO GONÇALVES DA SILVA, fora encontrado já em estado de coma na sua residência por familiares, alertados por paroquianos que esperaram em vão, para a celebração de um baptizado. Internado de imediato numa clínica da Póvoa de Varzim, ali viria a falecer ao findar da tarde do dia 24 do mês de Janeiro.

A notícia do infausto acontecimento correu célere por toda a paróquia, e deixou os apulenses envolvidos na mais profunda tristeza. O Padre Manuel Alberto já paroquiava Apúlia há mais de 35 anos e, pode escrever-se, com geral agrado dos seus paroquianos.

Homem profundamente humano, simples e modesto, ele conseguiu manter, e até aumentar, o culto religioso na sua paróquia. E isto, não obstante os ventos, «ventos» da contestação religiosa que sopraram na década de setenta. Muito religioso e devotado à sua fé e ao seu «múnus sacerdotal», bom psicólogo e bom tribuno, foi sempre um pastor respeitado e seguido pelos seus paroquianos.

O Padre Manuel Alberto, paroquiou a freguesia de Sapardos, Vila Nova de Cerveira, antes de ser colocado em Apúlia, aquando da morte do Prior Cândido Lima das Eiras.

Era natural de Fão, onde nasceu em 25/04/1923, e cantou a sua primeira Missa, filho de Manuel Gonçalves da Silva e de D. Josefina Gonçalves Vasco, já falecidos.

O seu funeral, realizado na tarde do dia 26 do mesmo mês de Janeiro, foi a maior manifestação de pesar vista em Apúlia por quem escreve estas linhas. Nele se incorporaram alguns milhares de pessoas. As cerimónias fúnebres foram presididas pelo Prelado da Diocese e contaram com a presença de muitas dezenas de sacerdotes de todo o Distrito.

Paz à sua alma e pésames aos seus.

**CASAMENTO** — A nossa ilustre conterrânea — MARIA ANGÉLICA BARROS TOMÉ — Professora do Ensino Básico, e Presidente da Assembleia de Freguesia, casou-se na Matriz de Apúlia, no dia 5 do passado mês de Janeiro, com o Senhor MANUEL RIBEIRO DA CRUZ, natural e residente na freguesia de Rio Tinto, deste concelho.

A Noiva é filha de Manuel Real Gomes Tomé e de Laura Barros Gomes Tomé; o Noivo é filho de José Gomes da Cruz e de Albertina Pinto Ribeiro. Desejamo-lhes muitas felicidades.

**RUA DO FURADO** — A nova rua que foi recentemente aberta na parte baixa da zona do «Furado», a nascente da parte Sul da Praia de Cedóvém, já está a ser calcetada a paralelos, pelo que, brevemente, será aberta ao público. Diga-se que, na parte direita, no sentido Sul/Norte, está a ser construído passeio para peões.

**FUTEBOL** — No desafio realizado ontem, 2 de Fevereiro, em Apúlia, o nosso Grupo Desportivo venceu o Vila Chã, de Esposende, por 1 - 0. Mas o jogo foi muito pobre, de ambas as partes. Os dois pontos alcançados na luta com um dos aflitos, pode vir a ser preciosa na contagem final do campeonato.

**FALECIMENTOS** — No dia 21 do mês de Janeiro, no lugar de Criaç, faleceu o senhor MANUEL DOMINGUES, filho de Bárbara Domingues, natural da freguesia da Estela, Póvoa de Varzim, nascido em 11/01/1909.

Deixa viúva a Senhora Maria Rosa de Jesus.

No dia 23 do mesmo mês, vítima de brutal aci-

dente de viação, faleceu o jovem MANUEL AMÂNDIO PONTES DA CRUZ, de 26 anos de idade, natural da vizinha freguesia de Fonte-Boa, filho de Manuel de Faria Cruz e de Maria Alice Pontes de Carvalho, residente no lugar da Areia (Rua do Funil) desta Vila de Apúlia.

Deixa viúva a Senhora Celestina Maria Ribeiro da Silva.

Também no lugar da Areia (Rua do Cruzeiro), no dia 25 do mesmo mês de Janeiro, faleceu o Senhor MANUEL MACHADO TORRES, nascido em 8 de Janeiro de 1955, filho de António José de Almeida Torres e de Elisa de Carvalho Machado.

A sua morte, por insólita e inesperada, foi muito sentida em toda a Apúlia, onde o extinto era geralmente considerado.

Deixa viúva a Senhora Maria Alice do Vale Enes Torres, e três filhos de tenra idade. O Manuel Machado era funcionário do Centro Regional de Segurança Social de Braga, colocado no Serviço Concelhio de Esposende, e um dos mais activos militantes e dirigente do Partido Socialista de Esposende.

O seu funeral constituiu também uma grande manifestação de pesar.

Às famílias enlutadas, os nossos pésames.

## ACIDENTE GRAVE

No dia 17 de Janeiro, pelas 8 horas, dois jovens de Fonteboa perderam a vida sob o rodado de um camião.

Àquela hora da manhã verifica-se sempre um trânsito acentuado pois é a altura de as pessoas irem para o emprego. Provenientes de Fonteboa seguiam montados numa motorizada os irmãos Manuel Amândio Pontes Cruz, de 26 anos e José Pontes Cruz, de 23. Ambos da construção civil iam pegar o trabalho numa obra em Fão.

Na estrada nacional n.º 13, logo a seguir ao *chalet*, o condutor, que era o Amândio, resolveu ultrapassar um automóvel como o fizera um motociclo que seguia à sua frente. Aconteceu, porém segundo nos disseram que o condutor desta motoretta resolveu ou teve de parar de repente. Embalados que iam, os irmãos Pontes Cruz chocaram com este veículo e caíram os dois na estrada, na precisa altura que passava um mercadorias pesada que literalmente os cilindrrou.

O corpo do Amândio ficou destroçado e os Bombeiros de Fão, que acorreram de imediato, tiveram que apanhar pedaços de carne que estavam espalhados. O seu cadáver foi levado para a morgue do Hospital de Esposende numa ambulância dos Voluntários de Fão.

O irmão mais novo, que ainda apresentava sinais de vida, foi primeiro levado ao Hospital de Fão, seguindo depois para o Hospital de S. João, por ordem do médico de serviço dr. Carvalho Matos. Morreu pelo caminho.

A G.N.R. de Esposende tomou conta da ocorrência.

## NOTA DA COMISSÃO CONCELHIA DE ESPOSENDE DO PCP

A Assembleia Municipal de Esposende aprovou na sua última sessão um voto de protesto contra a inviabilização dos novos critérios para o Fundo de Equilíbrio Financeiro.

1. — É de lamentar que um órgão autárquico, a Assembleia Municipal de Esposende, defenda a alteração da Lei das Finanças Locais à revelia da Assembleia da República e dos Municípios.

2. — É de lamentar que a Assembleia Municipal de Esposende se tenha posto de fora da justa reivindicação dos municípios, aumento global para 180 milhões de contos a transferir do Orçamento Geral do Estado para as autarquias em vez dos 157 milhões que foram transferidos. Reivindicação esta defendida pela Associação Nacional dos Municípios e por vários órgãos autárquicos.

3. — É de lamentar que a Assembleia Municipal de Esposende e a Câmara não tenham ainda protestado contra as isenções decretadas pelo governo (contribuição autárquica e sisa) sem a respectiva compensação aos municípios, prejudicando assim o concelho de Esposende em milhares de contos.

4. — O PCP defende que qualquer alteração à Lei das Finanças Locais deve ser antecedida de um debate participado sobre quaisquer novos critérios de forma a estes poderem ser consensuais, transparentes e controláveis na sua aplicação.

Esposende, 18 de Janeiro de 1991.

A Comissão Concelhia de Esposende do PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## FALECIMENTOS

Faleceu o Joaquim do Rosário, o Joaquim das Camionetas. Ele era da vila de Esposende, mas também era do concelho e muito especialmente de Fão.

Durante muitos anos fomos, nós e todos os que frequentavam a «Academia» em Braga, companheiros do Joaquim (co-brador e depois motorista) na camioneta do Linhares. Para lá fomos como quem vai com a corda ao pescoço e para cá, para férias, era a alegria sem fim.

O Joaquim adaptava-se às circunstâncias e tinha as palavras e a postura exactas. Claro que muitos anoa de convívio o faziam gerar a amizade e assim dizemos que o Joaquim tinha amigos em todas as terras do concelho.

Era um bocado de todos nós. Mas deixem-nos dizer que ele tinha um fraquinho por Fão.

Quando às vezes seguia só com fangueiros para o futebol para uma romaria era ele que lembrava: «Cantem Fão linda terra minha».

Já se encontrava aposentado mas mesmo assim mantinha um halo de figura típica.

Que descanse em paz.

★

Faleceu no dia 1 de Fevereiro Joaquim Costa (Bolas) que era o homem mais velho de Fão.

Exerceu a função de pescador mas há muito que não saía de casa pois estava praticamente cego.

Às família os nossos pésames.

# ALCUNHAS DE FÃO CUIDADO COM A ETAR

(CONCLUSÃO)

**Cag...** Batatas — Ainda é um parente meu. era um homem de alguma instrução que desde a meninice se criou no mar, ultimamente era já capitão de longo curso.

Deu origem ao alcunha uma gulodise com esses tubérculos; comeu tantos que se empanturrou, a ponto de expli-las inteiras.

**Pimpim** — Assim chamado por ser magrinho embora alto. Nunca se viu uma fala mais alta a esse digno e respeitável funcionário camarário.

**Peneireiro** — É um engeitado. Uma graciosa qualquer como aqui há muitos lembrou-se um dia que viu um burro carregado de peneiras que um comerciante vinha vender de dizer-lhe: — Eis aí o teu pai. desde então ficou conhecido por esta alcunha.

Vem-lhes de um antepassado que usava essa nobre profissão.

**Lríro** — Também são meus parentes. São assim conhecidos em virtude de um cão que possuíam andavam constantemente à caça e acompanhados com o cão que se chamava Lríro e em cada buraco de coelho, dizia: — Escava Lríro, escava Lríro.

**Mariquito** — Há muitos anos que não faz parte do mundo dos vivos. Faleceu no Hospital de Barcelos. Faltava-lhe parte do nariz por ter feito uma operação. daí o mariquito.

Era capitão de longo curso. morreu pobre e por fim andava à pesca.

**Samaritana** — É um nome da mulher de um competente ourives em... sola. Hoje o povo de Fão conhece esse homem pelo nome da mulher.

**Salamites** — A mesma cousa como eu dizia acima menos a profissão. Este era cabreiro. Hoje vive creio que dos rendimentos dos negócios em que se ocupa.

**Miguel (-D)** — Chamava-se Silvestre e usava a plebeia vida de mestre escamas. Tinha sido soldado do rei absoluto e ansiava sempre pela vinda desse príncipe.

Dava um solene cavaco quando tratavam-no com o nome do príncipe exilado.

**Zangalho** — este conquanto tenha algo de picareco foi posto ao seu possuidor por andar com um pé para dentro ou atravessado

**Zé pi pi** — Também conhecido por Zé da Joana. Agarrou o nome de pi pi por herança.

Tinha um irmão que em consequência de um tremendo susto só pôde pronunciar quando veio a si: pi pi.

**Lambe ranho** — É curioso ao mesmo tempo bem adequado este apelido. era um dos mestres escamas dos nossos avós e possuía a faculdade de conseguir colocar a língua nas ventas. Privilégio hoje exclusivo dos bois.

**Língua de vaca** — Era um maldizente como ainda infelizmente existem muitos por esta terra. mas este era perigosíssimo pelas retaliações que fazia na pele do próximo.

**Macarrão** — É uma massa muito apreciada e aqui um homem gordo que muito gostava de se divertir e cantar com as moças do seu tempo.

**Matações** — Deve o apelido ao monólogo de Eduardo Garrido — um alho. Constantemente cantava o «em Matações, na minha aldeia». E ficou e ficará o matações.

**Mais bate** — É um hércules mas que só o fazia quando se divertia a dançar. As raparigas a quem muitas vezes doíam as pancadas, indignadas, diziam-lhe, mostrando-lhe o soco: «mais bate, ora mais bate».

**Richalho** — No tempo em que a sardinha custava 30 reis o cento, chamavam à miúda

que vinha à praça de ricalho e nascendo a criança por esse tempo dizia satisfeita a sua progenitora: meu filho há-de ser feliz porque nasceu como os richalinhos.

**Rosa do Rego** — Deve o seu apelido a um rego que passava numa das suas propriedades.

**Rosa dos cães** — Esta tinha a guardar o seu campo uns terríveis e ferozes cães e para diferenciar das outras Rosas que por ali abundavam diziam simplesmente a um dos cães: o cão da Rosa.

## MAIS UMA VEZ ADEUS MEU FÃO

Por ACC  
1990

Certa vez eu fiz uns versos  
Que o Saraiva publicou  
Em que eu falava do Fão  
Que o progresso destrouço.

Falava das tradições  
Do tempo do lampião  
Em que tudo era pureza  
Mas foscas ruas de Fão.

Dizia de um Fão pitoresco  
Com o rio lindo e o mar  
Que deixava cá na gente  
O gosto imenso de AMAR.

Lembrava as tradições que  
existiam  
Com o Diamantino a cantar  
Meus ancestrais existiam,  
com o Timo  
E o Né Grande vivia a tocar.

Recordei o «PICO» do Mário  
Com a sua guitarra a tocar  
Todas as músicas tradicionais  
Com a voz da Maria a cantar.

Isto tudo aconteceu  
Quando em 70 rori Fão  
Mas o progresso apressado  
Vai acabando com a tradição.

A alegria hoje mudou  
Os costumes são diferentes  
Cada qual trata de si  
Ninguém procura ser gente.

As ruas são todas calçadas  
Os campos cheios de casas  
Diferente até para andar  
As missas mudaram a forma  
Que aprendemos a rezar  
E até o câro da igreja  
Mudou a forma de cantar.

Naquela altura fiz os versos  
Com entusiasmo e animação  
Hoje volto a repeti-los  
Mas com grande decepção.

Vim a Fão mais uma vez  
E as minhas tristezas aumentaram  
Muitas casas construíram  
E mais campos acabaram

Dizem que é o progresso  
Dizem que assim tem que ser  
Mas eu preferia como dantes  
Para poder melhor viver.

Tndo agora é electrificado  
Ninguém mais usa o lampião  
Que mal iluminava as ruas  
Mas enchia o coração.

Por isso fiz estes versos  
P'ra demonstrar minha paixão  
Em ver o Fão em que nasci  
Desaparecer na evolução.

Deixo assim de uma vez,  
Quero viver na ilusão  
De que a linda terra que nasci  
Continua para mim... a ser o meu  
lindo Fão.

E mais uma vez assino meus versos  
Nos olhos gotas de orvalho  
Saídas do coração  
De Amândio Caramalho

Tem-nos chegado ao ouvido rumores de que algumas tinturarias que infelizmente laboram na nossa terra, para mal dos nossos pecados, estão mortinhos que o Etar comece a funcionar para pudermos introduzir os seus efluentes na canalização reservada ao saneamento. Será uma desgraça. O esquema de trabalho de uma estação de tratamento é simples: produzem-se e reproduzem-se milhões de micro organismos que por sua vez vão comer e por conseguinte anular os efluentes orgânicos. A acção destes micro organismos é tal que teoricamente se poderá beber a água que sai da Etar. Se lançarem na canalização produtos químicos, estes vão matar os tais micro organismos e consequentemente não haverá qualquer acção purificadora.

Já imaginaram o cheirete que daí pode resultar?

Só com máscaras...

## PARECE MENTIRA

*Há verdades que parecem mentiras. Esta é uma delas. Mas a notícia vem num jornal sério, enviada por um telegrama de Bucareste, e diz assim:*

*«A mulher de um agricultor de nome Maria Nagy residente na aldeia de Perempte escapou de uma morte horrorosa, graças à sua valdade e à intervenção oportuna dos ladrões de cemitérios.*

*Vítima de um caso de morte aparente, Maria Nagy depois de verificado o «óbito» pelo médico, foi sepultada levando para o cemitério, segundo as suas últimas vontades, todas as suas melhores roupas e jóias.*

*Os ladrões que operavam no cemitério sabendo dessa fraqueza da «defunta» procuraram de noite despojá-la desses haveres.*

*Desenterraram o caixão e, quando o abriram a «morta», que tinha despertado do seu sono cataléptico, perguntou-lhes: — «Que querem de mim?» Apavorados os gatunos fugiram, e a desventurada começou a gritar.*

*Acudiu o guarda do cemitério que a fez conduzir ao hospital, esperando os médicos que se possa salvar.*

21 de Maio de 1933

A CRUZADA



# PÁGINA JOVEM

**Olá, jovens! Estamos, nós e vocês, de parabéns: a PÁGINA JOVEM passa o seu 3.º aniversário! Queremos agradecer-vos a colaboração e o interesse que a este cantinho tendes dispensado. Bem hajam! Continuem sempre!**

## A PESSOA

Por LUÍSA

(CONCLUSÃO)

Vivemos num mundo falso em que tudo se pratica por interesse, ambição e inveja. A corrupção alastra e o nosso olhar torna-se poluído.

Apetece poder dizer-lhe: — «Volta, para que eu te possa ajudar!». Em vão. Ninguém responde, não é da nossa competência fazer voltar o passado.

Penso agora que a recompensa vem quando não se espera, e isso será uma motivação para o meu futuro.

Qual é o balanço da minha vida? Que fiz eu digno da Humanidade?...

★

Ajudei a cobrir o seu corpo inerte, olhei a corda ainda pendurada, a arma objectiva do meu assassinio subjectivo.

Vieram-me à mente as últimas palavras dele, inesquecíveis, e saí à rua de coração aberto à compreensão, ao amor.

FIM


## TUDO

TUDO FOGE  
TUDO MORRE.  
E TUDO QUE TUDO É,  
TUDO SENTE  
E NÃO MENTE  
PORQUE TUDO PODE  
MAS TUDO NEM SEMPRE MUDO  
CONTINUA A SER TUDO  
NADA SENDO.

E É ESTE TUDO  
QUE TUDO PODE  
QUE NUNCA MORRE  
E SEMPRE FOGE,  
QUE É AGORA  
UMA HORA  
POIS NÃO FOSSE TUDO  
ESTE TUDO  
QUE EU PEDINDO  
VOU SENTINDO...  
APODRECER.

ARIEVILO

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

*Impetus* 

## PAUSA PARA SORRIR

Num exame. O professor interroga:

— Sabe dizer-me o que falta ao orangotango para ascender à categoria de ser humano?

O aluno responde:

— A palavra.

Comentário do embaixador:

— Exactamente! se ele conseguisse dizer: *Sou um orangotango*, seria um homem!!

★

Um multimilionário morre. A filha, única, está inconsolável. O marido desta procura dizer-lhe palavras de conforto:

— Então, minha querida, tem paciência! Todos temos que morrer e o teu paizinho já não era novo, bem vês...»

«Pois eu sei — respondeu a esposa — mas ele tinha-me prometido durar até aos cem anos!

— Ah! — exclama o marido com um sorriso — mas ele dizia isso só para me arreliar!...

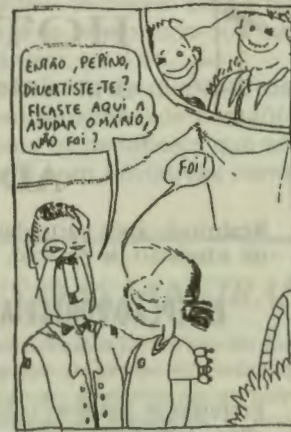
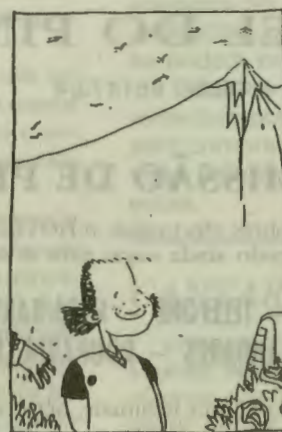
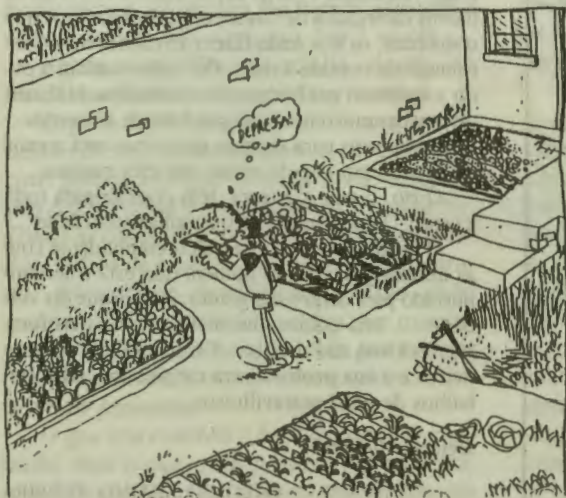
## O POETA E A ONDA

Uma onda bateu com ímpeto contra a rocha. E voltou a bater, sempre, sempre, Sempre, de dia e de noite, Inalcançável.

Mar quando viu nascer o Poeta  
Quem vai ouvir  
O seu pedido de clemência  
E impedir que a destruam?

MARTA

(CONCLUSÃO)



FIM

Por TIAGO JORGE

# DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

## FUTEBOL

MERELINENSE, 3 — FÃO, 0

Era uma tarefa muito difícil esta deslocação do Clube de Fão, a Merelim.

Ir jogar ao campo do então 1.º classificado, não dava grandes esperanças de um bom resultado até aos mais optimistas. E realmente assim aconteceu, só que não foi tão fácil para o adversário como o resultado o demonstra.

A nossa equipa jogou muito desinibida, não foi nada inferior ao adversário, que acabou por ser muito feliz na concretização das jogadas, e por isso mesmo achamos o resultado exagerado e um pouco injusto.

FÃO, 4 — POUSA, 1

Foi o último jogo da primeira volta e ao fim de quinze jornadas o Clube de Futebol de Fão fez treze pontos e quanto a nós uma primeira metade do campeonato nada condizente com o valor da equipa.

Esperamos e desejamos que a segunda volta seja muito melhor. E talvez para dar essa esperança aos seus associados e simpatizantes, o Fão realizou uma boa partida. Os golos foram aparecendo naturalmente, dois na primeira parte, por intermédio de Sousa e de Didi (de grande penalidade), e mais dois na segunda parte, por Jaime e novamente Sousa.

Os visitantes que apresentaram uma equipa muito jovem e talvez por isso nervosa, criaram muitos problemas à equipa de arbitragem, que se tivesse actuado mediante o que a lei determina, alguns cartões vermelhos teria que mostrar, depois de tantos amarelos ter exibido aos mesmos.

À parte este aspecto negativo, gostámos de ver estes jovens sempre aguerridos valorizando ao máximo a vitória da equipa da casa.

Da parte do Fão e sem querer minimizar a actuação de toda a equipa, realçamos mais uma boa exibição do novo avançado Manuel Carlos.

FÃO, 2 — DUMIENSE, 2

O Fão alinhou: Chabregas; Pedro, Vita, Eurico e Alberto; Flávio, Bife, Jaime e Didi; Sousa e Manuel Carlos.

No primeiro jogo da segunda volta o começo parecia indicar que o Fão iria conseguir um bom resultado através de uma boa exibição, pois que decorridos poucos minutos do início do jogo a nossa equipa marcava o primeiro golo por intermédio de Vita, e o entusiasmo era tanto que não se esperava outra coisa. Mas assim não aconteceu, e se até chegar ao intervalo o entusiasmo foi esfriando, na se-

gunda parte nem disso se poderá falar, tal era a frustração pelo mau futebol que se praticava. Uma consolação para os da casa é que não se via nos visitantes capacidade para anular o golo solitário e os dois pontos dificilmente fugiriam à equipa de Fão.

Mas como em futebol às vezes o difícil se torna fácil, o Dumiense com apenas nove elementos em campo (por expulsão de dois jogadores), foi complicando de tal maneira as coisas que só quando Sousa marcou o 2.º golo é que o público respirou de alívio.

Boa nota para Chabregas que neste período de jogo, com ótimas defesas, evitou o empate. O meio campo do Fão na segunda parte precisava de um safanão e Zezinho era o elemento indicado para entrar e também não entendemos porque ficou no banco.

## ACABAR COM OS «CHINCHARELHOS» PARA MATAR O CANCRO SOCIAL, É TRABALHO QUE A TODOS SE IMPÕE

Era ainda muito criança quando assisti à cena que passo a descrever:

Encontrava-me na nossa sala de visitas, situada em frente à Câmara Municipal de Esposende. Juntamente estava meu pai e o Dr. Baltasar (Delegado do Ministério Público). A janela da sala entreaberta para melhor ouvirmos o comício feito pelo líder monárquico do concelho, Reitor das Marinhãs (Padre Giesteira).

Não obstante a minha tenra idade, ainda tenho bem vivas algumas das palavras que o padre dirigia à multidão que enchia a praça da Câmara Municipal:

— «Já mandei meter na cadeia o homem que estava à frente da seita republicana do concelho. Eles destroiem as igrejas; dão injeções nos velhinhos para os matar; têm cometido as maiores atrocidades desde que ensanguentaram a Nação ao matar o nosso querido Rei...»

A multidão berrava!... Muito bem!... Viva a Monarquia!... Viva o senhor Reitor!... No meio daquela confusão, salientava-se uma voz esganada que vinha da sacada, junto ao orador. O homem que tanto desafinava, ostentava uma enorme bandeira que agitava em todos os sentidos dando vivas à Monarquia. Essa pessoa era um funcionário da Câmara a quem chamavam o «Chincharelo». De momento a momento, chegava mais gente. A praça estava apinhada. As pessoas já ficavam na rua direita... o Dr.

ÁGUIAS DA GRAÇA, 2 — FÃO, 2

A equipa de Fão fez quanto a nós a melhor exibição do campeonato. Jogou de igual para igual com o adversário que é neste momento o 1.º classificado. Não se atemorizando com o golo sofrido quase no intervalo, veio para a segunda parte ainda com mais garra, jogando o mesmo futebol da primeira parte, conseguindo o golo do empate por intermédio de Pedro, pondo assim justiça no resultado, pois a equipa da casa não tinha até aí demonstrado ser superior, e mesmo quando fez o segundo golo, não conseguiu essa supremacia e foi com satisfação, mas sem surpresa, que vimos a equipa fangueira empatar novamente com um golo de Sousa.

Daí até final, os visitados tentaram com toda a ânsia chegar à vitória, pois além de serem os guias do campeonato jogavam em casa. Mas o Fão, pelo que jogou mereceu o empate.

De salientar os golos de Sousa que ultimamente tem marcado. Um médio que se tem integrado no ataque.

Baltasar passeava agitado, dando voltas à sala com um lenço na mão, a que, de quando em quando, limpava o rosto; pegava no relógio... A sua aflição não tinha limites... De repente ouve-se o galopar de um cavalo montado por um oficial do exército, que parou a poucos metros da nossa casa. O Dr. Baltasar vem à janela.

— É quem eu esperava... Vou já mandar prender esse «calhorda»...

Desce as escadas em dois saltos, recebe uma carta do oficial, que o acompanha com o cavalo pelas rédeas e alagado em suor. Mandam chamar o carcereiro, abrem as portas da cadeia ao Eugénio Ferreira (Administrador Republicano) e os quatro dirigem-se à Câmara, e prendem o Reitor das Marinhãs... Toda a enorme multidão dá em debandada ficando apenas o «Chincharelo» já com uma enorme bandeira verde-rubra dando vivas à República, ao lado de Eugénio Ferreira (líder republicano). Soube-se que ele tinha mandado fazer duas bandeiras para o que desse e viesse. As bandeiras estavam escondidas num recanto da Câmara.

A chamada Monarquia do Norte não vingou.

Quando toda aquela barulheira terminou, abri a janela em pleno, não só para apreciar o rescaldo das cenas acabadas de passar, mas também para que da sala fosse esvaziada a enorme fumarada que me não deixava respirar. Meu pai e o Dr. Baltasar não paravam de fumar...

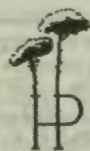
Ao longo da rua direita viam-se alguns grupinhos a «cochichar». Bem mais longe na mesma rua, um homem de cabelos compridos, que o vento fazia esvoaçar, gesticulava desesperadamente contra os guardas que o traziam preso. Quando passou por baixo da minha janela, voltou a cabeça para cima e disse: «olha meu menino!... Só os bolcheviques é que vão acabar com os exploradores. Estudam os burros carregados de dinheiro, passam fome os que trabalham, os que nada fazem arrebenta-lhes o estômago de comida a mais. Os velhos andam a pedir e dormem nas bermas dos caminhos. Milhares de pessoas morrem tísicas por falta de alimentos... Fazem guerras para dizimar gente que está a mais no Mundo em vez de evitar que eles nasçam...»

O rio, o mar e a terra, têm comida para toda a gente. O que é preciso é que saibam distribuir!...

O ranger das chaves da cadeia confundia-se com as últimas palavras do homem que está a ser empurrado para dentro das grades; «só porque diz verdades»... Está quinze dias dentro e oito dias fora. Morrerá mas não desiste... Chamam-lhe o «Cantoneiro» e a sua profissão era carpinteiro; fazia trabalhos de talha maravilhosos.

Delães, 16/12/90

ANTÓNIO AGONIA PEREIRA



**HOTEL DO PINHAL**

OFIR — FÃO — TELEF. 961473/4

### ADMISSÃO DE PESSOAL

Reabrindo após parte das obras efectuadas, o HOTEL DO PINHAL encontra-se em fase de admissão de pessoal, tendo ainda vagas para as secções seguintes:

**RECEPÇÃO/PORTARIA — TELEFONE — MESA/BARES — ECONOMATO/CONTROLO ANDARES — ROUPARIA/LIMPEZA**

Preferência aos seus colaboradores habituais, bem como a jovens entre os 18 e os 25 anos. Admitimos ainda:

### SECRETÁRIA DE ADMINISTRAÇÃO

COM EXPERIÊNCIA DO CARGO

Condições com base nos salários oficiais e de acordo com a experiência. Propostas escritas, dirigidas ao nosso Departamento de Pessoal ou através dos telefones do Hotel.



# ÁFRICA, ADEUS

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

Entretanto os primeiros raios solares da manhã do dia 18 de Março, começaram a aparecer e com eles surge a silhueta de alguém que se aproximava, vindo do local para onde tinham fugido os misteriosos ocupantes do Bar.

Todas as atenções se concentraram no estranho visitante que parecia caminhar com dificuldades. Ao chegar próximo de nós, exclamou: «Medicamento. Quero Medicamento», ao mesmo tempo, que se deixou cair desfalado. Corremos para ele e, transportámo-lo para junto de nós. Reparámos então que se encontrava gravemente ferido, pois era um dos ocupantes do Bar, que na sua fuga tinha sido apanhado por um tiro e agora pedia ajuda, só que o seu estado era de tal forma grave que não havia hipótese de se salvar.

Como eu conhecia uma grande parte da população da região, aproximei-me dele e reconheci logo que era um trabalhador do Bom Destino, por sinal filho de um capataz. O meu espanto foi enorme, e exclamei: «Tu Manonga? Que razões tens para seres contra os brancos? Que mal te fizemos nós?» O moribundo fixou os olhos em mim como que surpreendido por me ver, parecia não acreditar na minha presença ali. Não mais desviou o seu olhar do meu, talvez fosse uma súplica para o não deixar morrer, mas nós ali nada podíamos fazer. Os seus olhos não se desviavam dos meus até que o seu brilho se apagou para sempre.

A família Manonga era muito considerada pelos brancos, especialmente no Bom Destino, onde o velho Manonga fora capataz cerca de vinte anos. Agora, dispensado para poder trabalhar as suas próprias lavras, mas sempre que aparecia na Roça era como um regresso a casa. Comia e bebia sem nada pagar. Sempre que precisasse de carro para transportar o seu café, fosse para o terreiro, fosse para o mercado, os carros do Bom Destino estavam ao seu dispor. Um exemplo da amizade pelo Manonga tinha sido lá pouco mais de seis meses, quando um incêndio lhe queimou a casa com todas os seus poucos haveres. Nessa altura o Bom Destino mandou alguns dos seus trabalhadores construir-lhe uma nova casa sem nada pagar, e também lhe foram oferecidos alguns cobertores e roupas para vestir.

Agora o seu filho ali estava caçado entre os malfetores, fanáticos e racistas.

Depois deste episódio, o dia surgiu e eu resolvi ir ver como estariam as casas comerciais pertencentes ao Bom Destino e bem assim a casa onde o Jorge exercia o comércio. Todas as casas tinham sido em parte saqueadas, vidros de janelas, montras tudo quebrado, frigoríficos danificados... Pelo chão eram vidros de garrafas e copos que os malfetores tinham quebrado. Nas prateleiras ainda existiam bastantes mercadorias, sobretudo fazendas.

O que era comida e bebida tudo foi roubada, mas o que eram panos e bugigangas, a maior parte ficou. Talvez pensassem vir

buscá-las mais tarde. Depois de uma breve vista de olhos pelos estragos, todos nos reunimos para a etapa seguinte. Eu tentava convencer o Comandante Robles a irmos à Roca Bom Destino visto estarmos a cerca de um quilómetro, enquanto o Edmundo Nunes implorava para se ir procurar a esposa, filhos e netos.

Enquanto se discutia este assunto, um militar aproximou-se e disse: meu Alferes um grupo de pretos dirige-se para cá. Todos desviámos as atenções para o local indicado. Na verdade, à entrada de Vista Alegre, um grupo de indígenas vindo do lado do Povo Ganba, parecia hesitar em avançar. Aparentemente traziam apenas catanas. O comandante fez-lhes sinal com os braços para que viessem falar mas estes não se aproximavam. Então os militares foram ao encontro deles, mas estes fugiram e refugiaram-se na mata.

Pouco tempo depois, surgiu novo grupo vindo dos lados de Kambamba. À frente seguia o Dembo do Kipanene que eu conhecia perfeitamente. Ao chegarem perto de nós, eu aproximei-me o que seria um grande erro, pois os acompanhantes do Dembo, ao reconhecerem-me, começaram a fugir tentando alcançar a floresta. Só depois se saberia a razão.

O Dembo esse não fugiu, por estar demasiado perto de nós e como tal foi preso. Trazia na mão diversos papéis, todos eles respeitantes aos debates feitos na ONU contra Portugal, onde se condenava a presença portuguesa em Angola.

Os indígenas contavam com uma força da ONU como tinha acontecido no Congo. Por isso quando viram os militares fardados de camuflado, julgaram tratar-se de soldados da ONU, mas quando me viram, aperceberam-se de que não era assim e como tal tentaram fugir, mas nem todos o conseguiram. Em seguida, o Comandante entendeu que nada mais poderia fazer em Vista Alegre. Não tinha efectivos para fazer uma ocupação, e como tal o objectivo era salvar o maior número de vidas possível. Temos que pôr todas os outros interesses de parte e vamos procurar as pessoas que precisam de nós.

O senhor Ramos não tem ninguém no Bom Destino para socorrer, portanto vamos primeiro à Roça S. Bento do Castelo a ver se encontramos a família do sr. Nunes. «Está certo?» «Está certo», concordei.

Tratamos imediatamente de organizar a coluna, tendo o Dembo subido para um carro militar. Pouco depois, os carros arrancaram em direcção à Roça S. Bento do Castelo. Poucos metros depois de termos entrado na picada, deparamos com a primeira vala e com a frente dentro dela o carro da família Nunes. Analisámos o carro e não encontramos vestígios de sangue. Enquanto os civis procediam ao aterro da vala, os militares seguiram o rasto dos fugitivos até determinada distância, regressando pouco depois. A angústia dos Nunes, Pai e filho, era comovente.

Logo que os trabalhos na vala termina-

ram, os carros começaram a avançar. Alguns quilómetros à frente ficava o Povo Ganba, e era preciso entrar em contacto com alguém de lá para saber informações da família Nunes, agora que sabíamos que eles tinham estado em Vista Alegre. Logo que os primeiros carros se aproximaram do povo, a maioria dos seus habitantes dispunha-se a fugir mas alguns foram detidos, e a pergunta principal era: «Onde está a família Nunes?» Ninguém sabia, mas todos diziam que eles estavam vivos.

Então os militares resolveram ir à Roça S. Bento do Castelo ver se eles teriam ido para lá a pé. Deu ordens aos civis para que ficassem ali e guardassem os indígenas, enquanto eles iam com os Nunes à Roça. Enquanto aguardávamos a chegada dos militares, fomos interrogando os prisioneiros. A certa altura uma mulher disse que o Chaves tinha passado pelo povo no dia anterior, sózinho, e que diversos homens o tinham perseguido mas ele com a arma tinha morto dois. Então os outros fixaram-na. «Mas então o Chaves não estava junto com a família, Nunes?» perguntei. «Primeiro estava», respondeu a mulher, mas agora não. «Não porquê? O Chaves para que lado ia?» perguntei. «Ele ia para o Maiombé», respondeu a mulher. Maiombé era o nome que os indígenas davam às matas da Roça S. Bento do Castelo.

«E a família do Sr. Nunes, não sabes para onde foram?» «Não, respondeu a mulher...»

## CORSO DE CARNAVAL

Este ano não sairá o Corso do Carnaval organizado pelas Escolas. É pena. Mais uma vez se verifica a falta de persistência do povo fangueiro. O Carnaval de Fão estava a pegar e a ganhar nome e fama.

Dizem-nos no entanto que a Frente de Libertação do Ramalhão vai sair para as ruas e que os Bombeiros também vão fazer algo.

Fazemos um apelo à Junta: que se converta no centro decisório de certas realizações que já se organizaram ou que se podem organizar em Fão.

Estamos convictos de que a actual autarquia possui sensibilidade bastante para compreender os benefícios que advirão para a terra com iniciativas como estas.

## CANTARES DAS JANEIRAS

O grupo «Cantares das Janeiras» do Ramalhão, informa que as ofertas recebidas no «Cantar das Janeiras» se destinam ao Carnaval, para a marcha do Ramalhão e Queima do Judas, no sábado de Aleluia.

Houve alguém que pregou em público que o grupo pedia para as obras de salão. Pois é falso. Nunca ninguém invocou o nome do salão paroquial para tal fim.

Em nome do grupo;

Obrigado.

## CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

### EDITAL

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO,  
Presidente da Câmara Municipal de Esposende:

FAZ SABER que de harmonia com a deliberação desta Câmara Municipal de 17 de Dezembro de 1990, se procederá à venda, em hasta pública, do lote de terreno número 9 (nove), destinado a construção urbana, localizado na zona Centro da vila de Esposende, devidamente estruturada, cuja base de licitação é de 32.800.000\$00.

A referida HASTA PÚBLICA terá lugar no edifício dos Paços do Concelho no dia 25 de Fevereiro próximo, pelas 14,30 horas, não sendo permitidos lanços inferiores a 200.000.000\$00.

A venda do aludido lote regular-se-á pelas condições especiais e aprovadas pela Câmara Municipal, na reunião da Câmara Municipal de 17 de Dezembro do ano findo, encontrando-se as mesmas patentes ao público na Repartição Administração e Financeira da Câmara Municipal (SATLA), durante as horas normais de expediente.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente EDITAL e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Esposende e Câmara Municipal, 16 de Janeiro de 1991.

O Presidente da Câmara,  
Alberto Queiroga Figueiredo

## BRUMA

Amam-Te, ó velhinbo torrão,  
ou cantam-Te lindas canções.  
Lembram-Te com tanta emoção  
ou choram-Te nos corações.  
(A diferença está no recordar).  
És rainha que a todos abrigas  
sob o teu manto de prata  
que sem descansar de fadigas  
vais ouvir velhas cantigas  
em tantas novas serenatas  
sob a fresca brisa do mar  
ou na névoa do teu rio.  
Imortalizaste Faraós, Maias,  
Pelicas, Sacramentos e trovadores  
ou típicos Pantominas doutores  
que, em vida, foram a pura seiva  
e na morte são os montros sagrados  
imortais arautos de memórias,  
serenatas, noitadas, boémias e fados,  
- mas que tão belos e melodiosos acordes -  
o irrequieto rouxinól Diamantino  
no tom das rendilbeiras e baladas  
a voar alto, sem tino nem destino,  
até na igreja badalar o sino  
quando já clareava, a alvorada,  
e se ia embora o luar, no ar,  
fizesse chuva, vento ou frio.  
Amam-Te, ó velhinbo torrão,  
ou cantam-Te lindas canções.

CASANOVA 91/01/10

## RUMO

Levantam-se nas margens salgueirais  
Com cítaras subitís de rouxinóis  
E sobre os descampados areais,  
O rio estende límpidos lençóis.

Sobre as águas desliza aventureiro  
Um barco com seus remos de esperança,  
E vai dentro a cantar o timoneiro  
Uma canção de paz e confiança.

O sol no firmamento espalha alvura  
Entre nuvens, ovelbas tresmalhadas,  
E o vento traz aromas e frescura  
De regiões com brancas alvoradas.

E o barco avança como um coração  
Em busca dum amor noutra paragem  
E leva um sonho dentro do porão,  
Imenso como imensa é a viagem.

Agora o barco chega ao mar infindo,  
Um bonançoso mar, com porto aberto,  
E o sonho da nascente, um sonho lindo  
Transforma em roseiral todo um deserto.

Dinis de Vilarelho



## PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS  
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telefs. 672295 - 672450  
Telex 25181 — 4100 PORTO

### ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647  
4750 MATOSINHOS

## Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra singular para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como da especialidade. Enfatizada não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 365/4099 PORTO CODEX  
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX  
EMP. L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA



# FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CULTURA PRÁTICA DO CORNICHON

Para se obter um bom rendimento, há que ter a preocupação, de colher os frutos com *calibre de 19 milímetros*. Se assim procederem poderão conseguir produções de *10 toneladas por hectare*. Basta não colher um dia, para que os frutos atinjam o calibre de 23 milímetros,

sendo grandemente desvalorizados comercialmente.

Além disso, se deixar crescer os frutos acima dos 19 milímetros as plantas esgotam-se mais rapidamente, e as produções baixam muito.

As colheitas devem ser feitas, com todo o cuidado e as plantas deverão ficar no lugar, onde se encontravam, antes de serem mexidas.

### NOTA IMPORTANTE:

Com uma colheita feita em boas condições, é possível conseguir-se:

- 80/85% de frutos com o calibre de 19 milímetros.
- 15/20% de frutos com o calibre de 21 milímetros.

Isto equivale a poder dizer-se que se conseguirão obter os mais elevados rendimentos não só em quantidade como em qualidade dos frutos.

FIM

## A CULTURA DA CENOURA PARA A INDÚSTRIA

### 1) PREPARAÇÃO DO TERRENO:

— Escolha uma parcela de terreno onde não tenha sido cultivada cenoura nos últimos três anos.

— Retire amostras de terra para análise química.

— Lavre o terreno a uma profundidade de 30 centímetros.

— Proceda à fertilização orgânica e mineral de fundo consoante os resulta-

dos das análises e segundo o conselho técnico que lhe for dado.

— Na falta dos resultados das análises de terra siga o esquema seguinte.

### 2) FERTILIZAÇÃO ORGÂNICA:

— 20 a 30 toneladas de estrume bem curtido por hectare.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas  
Sementes Horticolas • Batata de Semente •  
Importador Exportador

SEDE  
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 ..... PÓVOA VARZIM  
FILIAL  
R Filipa Borges ☎ 812199 ..... BARCELOS

— Na falta deste use então 2 a 3 toneladas por hectare de Estreguano (Adubo orgânico da Estrela Adubo).

### 3) FERTILIZAÇÃO QUÍMICA:

— Use um adubo composto do género do 7-21-21 à razão de 500 a 600 kgs. por hectare.

— Pode usar como alternativa o adubo químico orgânico Estrela Adubo 6-8-10 à razão de 800 a 1000 Kgs por hectare.

— Convém fazer as margens (cama-lhões) e a seguir abrir regos.

— Fazer desinfeção do solo com uma mistura de THIODAN à razão de 6 litros por hectare + 0,5 litro de DECIS por hectare. Deve ser aplicado em pulverização *misturado com o herbicida*.

— A seguir fazer a sementeira.

— A variedade usada deve ser exclusivamente destinada à indústria e será do tipo chantenay.

### 4) SEMENTEIRA MANUAL:

Neste tipo de sementeira muitas vezes exagera-se na quantidade de semente empregue. Com a desinfeção do solo aconselhada não é necessário semear mais do que 1,5 a 2,5 gr/m<sup>2</sup> de semente.

É preferível a sementeira em linhas afastadas 12/15 cm à sementeira em lanço.

Em qualquer caso é sempre necessário um acerto de compasso através de um desbaste de plantas.

# Basta<sup>®</sup> a melhor alternativa


Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o  
Departamento de Agricultura da  
Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	.921 21 80	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo  
na agricultura

Hoechst   
Cap. Soc. 1.200.000.000.000 Cont. Reg. Com. Estr. n.º 102

(Continua na pág. 10)

(Continuado da pág. 9)

**5) SEMEITEIRA MECÂNICA**

Existem semeadores de precisão que conseguem uma sementeira que dispensa qualquer desbaste.

No caso de utilizar um semeador deste tipo, deve preparar o terreno do modo já aconselhado e semear sobre a «margem» numa densidade máxima por metro linear de 50/60 sementes.

**6) AMANHOS E REGAS:**

— Após a sementeira deve manter o terreno fresco até à emergência das plantas (15 a 20 dias) se necessário utilize a rega.

— Aplique herbicida logo após a sementeira, usando para isso, o Afalon à razão de 1 a 1,2 Kgs por hectare.

— Regue sempre que seja necessário.

— Cumpra os tratamentos fitossanitários e adubações aconselhados.

**7) FERTILIZAÇÃO DE COBERTURA:**

**Azoto** — No conjunto das adubações não deve ultrapassar as 90 unidades de azoto por hectare. Deste modo garante uma melhor qualidade do produto.

**Potássio** — São necessárias aproximadamente 200 unidades de potássio por hectare pelo que não dispensa a cobertura com este elemento.

**Magnésio e Cálcio** — Elementos indispensáveis para a cultura. A sua aplicação pode ser feita após a manifestação da carência (por via foliar).

*Esquema Teórico para a cobertura:*

Planta com 5 a 6 cm — nitrolusal ou Nitromoniacal 20,5% — 150 Kg/ha.

Planta com 8 a 10 cm — Nitrolusal ou Nitromoniacal 20,5% — 250/ha.

Planta com 15 a 20 cm — Nitrato de Potássio — 250 Kg/ha.

Os micro-elementos podem ser aplicados por via foliar.

**8) COMBATE A PRAGAS:**

As principais pragas que normalmente atacam a cultura da cenoura são:

- a) Mosca da cenoura
- b) Lagartas
- c) Afídeos (piolhos)

**a) Mosca de cenoura:**

A melhor maneira de combater esta praga é periodicamente fazer tratamentos usando um produto à base de Dime-toato como por exemplo o DIGOR.

**b) Combate a lagartas:**

Logo que apareçam devem ser combatidas usando o THIODAN, isto na fase inicial de cultura à razão de 140 c.c. em 100 litros de água para 1000 m<sup>2</sup>. Numa fase mais adiantada, usar o DECIS numa dosagem de 50 cúbicos em 100 litros de água para tratar 1000 metros quadrados.

**c) Combate a afídeos:**

Os piolhos devem ser combatidos logo que comecem a aparecer na cultura e usando o PRIMOR ou o APOX.

**9) COMBATE A DOENÇAS:**

As principais doenças que atacam as cenouras são:

- a) Alternária e Cercosporiose
- b) Oídio

a) Combate à Alternária e à Cercosporiose:

Convém fazer tratamentos intervalados 8 a 10 dias usando o KOR à razão de 250 gramas em 100 litros de água para tratar 1000 metros quadrados. Convém alternar com o VITANE B à razão de 400 gramas em 100 litros de água para os mesmos 1000 metros quadrados.

**b) Combate ao Oídio:**

Para combater o Oídio devem usar o AFUGAN à razão de 50/75 cúbicos em 100 litros de água para 1000 metros quadrados de cultura, alternando com o DINOETHANE à razão de 50/60 cúbicos em 100 litros de água para os mesmos 1000 metros quadrados.



NOTA: Em tempo quente não se deve usar este último produto.

**10) COLHEITA**

Ao colher elimine as raízes atacadas de doenças ou pragas e aquelas que não formem o calibre estipulado pela norma de qualidade.

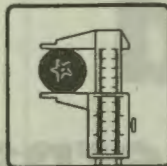
Sacuda bem a planta de maneira a eliminar o excesso de terra.

Corte a rama pela base e embale a cenoura em sacas.

A indústria dispensa a calibragem e a lavagem do produto no campo (atenção ao calibre mínimo e ao excesso de terra nas raízes).

Informe-se das normas de qualidade.

Não deixe o produto colhido exposto ao sol e ao vento, entregue-o o mais rapidamente possível.

**CALIBRADORES DE FRUTA****MINI-LINHA COMPACTA**

Indicada para espaços limitados

Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**

**TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA**

PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

# CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

*Estamos em presença dum conflito armado, de proporções ainda incalculáveis, que a ser analisada, levar-nos-ia a conclusões contraditórias.*

*E seria inevitável? Talvez...*

*Tenho a impressão que não foram esgotadas todas as possibilidades para se chegar a um acordo pacífico e razoável.*

*Aquilo que a inteligência e a boa vontade humana não podem resolver, não poderá, nunca, ser resolvido pela força.*

*Uma guerra traz sempre atrás de si a morte, a destruição, o desespero e a fome. E não só. Deixa marcas difíceis de apagar.*

*Não há as provas da guerra de 1914 e dos anos 40?*

*Não estão ainda, bem patentes no nosso espírito as guerras coloniais?*

*Que nos trouxeram essas lutas?*

*Homens estropiados, crianças sem pai, a fome e a doença.*

*Que sede de poder e de riqueza avasalam os homens?*

*Nem sempre é um acto de justiça, a razão que levam os homens a declarar a guerra.*

*Quantas vezes é o seu orgulho, a sua vaidade que os levam a atitudes insensatas e catastróficas!*

*Assusta-me o desenrolar dos acontecimentos e Deus queira que os homens responsáveis ainda tenham o bom senso de parar a tempo.*

*De cada lado das hostilidades há sempre um mundo de incertezas.*

*Cada um tem os seus segredos, sem contar com as possibilidades do adversário.*

*Na guerra praticam-se verdadeiros crimes e atrocidades.*

*Um deles, bem patente aos nossos olhos, através da T.V., foi o derrame do petróleo e seus derivados, no mar do Golfo. É um crime sem perdão.*

*Não vai só afectar as manobras militares. Principalmente vai matar, por tempo indeterminado, aves marinhas, peixes e o uso da própria água.*

*Onde vamos parar?*

*Os homens estão loucos?*

*Não sabem que eles próprios serão as vítimas da sua loucura?*

*Ou estamos sob as projecções do apocalipse?*

*Todo o Médio Oriente é um vulcão. Nem Israel escapa.*

*E não só. Se as coisas levarem o rumo acelerado dos últimos dias todo o mundo será uma chama.*

*E podia ser um paraíso.*

*Se todo o dinheiro, todo o esforço humano, gastos nas lutas, nas armas e nos equipamentos fossem empregados em casas, hospitais, estudos científicos, comida, agasalhos, etc., etc., muita dor, muita fome e muita miséria, seriam*

*amenizados. Bastava só, que os homens cumprissem o 2.º mandamento da Lei de Deus: Amar o seu próximo.*

*Então tudo seria diferente.*

*O amor na sua essência resolveria todas as coisas.*

*Não haveria ambições desmedidas nem ódios ou invejas.*

*Se os homens se considerassem todos irmãos, mutuamente se ajudavam, como Jesus, na sua peregrinação pela terra nos ensinou.*

*Comecei esta crónica a falar em guerra. Termine-a a falar na paz. Que Deus dê na terra paz aos homens de Boa Vontade.*

## ILUMINAÇÃO

Desde que os Serviços Municipalizados entregaram a exploração da electricidade à EDP as coisas não melhoraram quanto à iluminação das ruas. Uma lâmpada fundia e vinha há alguém dos Serviços (Magalhães, António) a correr para colocar outra.

Agora é diferente. Uma lâmpada funde, mais outra, mais outra ainda, até que se atinge um número considerável, 30, 40 ou 50 e então é que a EDP desloca um funcionário para colocar lâmpadas novas.

Claro que em termos de rentabilidade este esquema é mais aconselhável mas quem se lixa é o mexilhão.

Trata-se de um serviço público que não pode guiar-se apenas por critérios economicistas. A segurança dos cidadãos é um outro critério a ter em conta.

A luz da rua de O Novo Fangueiro, que é a rua de Cima, há muitos meses que está às escuras. Neste caso quem se lixa é o automóvel que estacionamos frente à nossa casa e que os ciclistas estão sempre a raspar com o pedal ou o guiador.

Entendemos que a Câmara ou a Junta não podem dar tanta folga à E.D.P.

## O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Fernando de Almeida  
Cecília de Amorim  
Dinis de Vilarelho  
José Ramos da Silva  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
Agonia Pereira  
João Pedras

PROPRIEDADE:  
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:  
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. de Cima n.º 5 - Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII - Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:  
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através dos Correios será por conta do assinante.

## CARTAS AO DIRECTOR


Na nossa última visita que fizemos a Fão durante os meses de Setembro, Outubro e Novembro; anotámos e observámos as modificações que a evolução da vida actual introduziu no seio da comunidade.

Nessa viagem fizemos um esforço além de nossas forças, devido às más condições de saúde que eu e minha senhora apresentávamos, mas o nosso desejo de rever Fão mais uma vez foi mais forte e por isso nos sacrificámos a fazê-la, cujo resultado foi mais um ENFARTE de minha senhora, 4 dias depois de nosso retorno ao Rio.

Ficou no entanto a nossa satisfação de passar algum tempo em nossa terra, e queira Deus que ainda possamos fazê-lo outras vezes.

Com abraços e estima, deixo a sua decisão para o uso das minhas observações que estou enviando

atenciosamente  
Amândio Caramalho

 **Optica**  
*Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

BRAGA.

## GABINETE DE CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777  
FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933  
4700 BRAGA

# ESPOSENDENSES EM DESTAQUE

(Continuado da pág. 1)

como foi o caso do Eng.º Oliveira Martins, até há pouco Ministro das Comunicações e Obras Públicas e que por isso era citado com frequência pela televisão e pelos jornais. Já dissemos em tempos que isso para nós era gratificante. Para nós e para a maioria, quase a totalidade, das gentes do concelho. Era um dos nossos.

Temos ainda o caso do Eng.º Couto dos Santos, ilustre forjanense, um *self made man*, que actualmente desempenha o cargo de Ministro da Juventude. Está sempre na berlinda. Tempos atrás, um jornal, cremos que o Expresso, traçava-lhe um perfil bastante agradável: um ministro sério, activo e muito simples no seu viver.

É certo que há mais pessoas dignas de referência. Lembramos a propósito que anos atrás, quando o Eng.º Paulo Valadas, então Presidente da Câmara do Porto, promoveu umas festas com certa pompa a propósito do MUndo Português, houve quatro esposendenses que decisivamente contribuíram para o seu êxito: o Arquitecto Viana de Lima, o Eng.º Manuel Ribeiro, Jorge Araújo e o doutor Cândido Hipólito Reis que fez — disseram-nos — uma conferência notável.

Convenhamos que são aparecimentos esporádicos que não preenchem totalmente a ambição do colectivo esposendense no que a este ponto diz respeito.

Ora, nos últimos tempos, os jornais badalaram, quer dizer, trouxeram à ribalta o nome de outros conterrâneos (moradores no concelho ou aparentados com a região). Para que conste e para que se lavre a acta do respectivo contentamento, vamos referi-los:

Em 19 de Janeiro p.p. deparámos com a fotografia e correspondente entrevista do eng.º José Areias, Director Geral das Comunicações, nas páginas da revista «O Sábado». É certo que, desde os tempos em que nós e o Zé Areias (para os amigos, claro) frequentávamos o 5.º ano em Esposende (as célebres aulas do dr. Arménio... que saudades!...) até agora, muita água passou sob a ponte, mas o Zé continua a ser um amigão especial. Por isso regozijámo-nos bastante com esta sua amostra numa revista de grande circulação. Houve-se muito bem, como era de esperar de um técnico reputado servido por uma inteligência acima da média.

Por curiosa coincidência, no jornal «A Bola» desse mesmo dia, veio uma entrevista com o dr. João Paulo Gomes, ex-Presidente (histórico) da Associação Desportiva de Esposende. Pelos vistos este conterrâneo (somos todos do mesmo concelho) foi nomeado Secretário Geral da Associação de Futebol de Braga que tem como Presidente o eng.º Mesquita Machado. Segundo temos lido nas entrelinhas dos jornais desportivos, esta Direcção tem como objectivo derrubar ou pelo menos minimizar a acção do todo poderoso Adriano Pinto, do Porto, uma espécie de Presidente da República do Futebol. Não vamos meter a colherada no assunto, mas gostamos, isso sim, de ver outro esposendense, pelo menos de alma e coração (Costa dixit), destacado no jornal de maior expansão do País.

A propósito desta pendência que tem trazido em polvorosa as várias Associações de Futebol, os Jornais noticiaram, mais discretamente, que o dr. José Albino, um quase esposendense, constava, por delegação do Gil Vicente, de uma outra lista contrária à do dr. João Paulo. Mais nos disseram deste quase

ex-fangueiro que, anos atrás, nas penúltimas eleições presidenciais, foi o mandatário concelhio da Eng.ª Lourdes Pintassilgo. Ficamos surpresos. Dr. José Albino, um homem que não gosta de se meter em nada! Dr. José Albino, a coragem de estar só!...

## O PRESIDENTE DA CÂMARA NOS ROTÁRIOS

*O abastecimento de água ao concelho e a construção de casas para os mais carenciados são as traves mestras que nortearão os esforços da gestão camarária para o ano presente e futuros, declarou em síntese o Presidente da Câmara Alberto Figueiredo, numa intervenção sua, realizada no Club Rotário de Esposende em 25 de Janeiro.*

*Outras realizações estão em agenda, designadamente as que foram prometidas no período eleitoral: saneamento, escolas, zonas industriais. O dinheiro parece estar prometido, há que apresentar projectos realistas e adequados ao meio.*

*Alberto de Figueiredo está confiante que o concelho, durante o seu mandato vai dar um salto em frente. Quer Esposende (Vila) quer o concelho vão beneficiar com obras de vulto. Saibam esperar, reclamou aquele autarca.*

*Presidiu à reunião que como de costume o dr. José Alberto Costa e Silva.*

## D. FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES UMA CONFERÊNCIA EM ESPOSENDE

*Reatando um hábito antigo, realizou-se no Salão Nobre da Câmara no dia 26 de Janeiro uma palestra que teve por tema «D. Frei Bartolomeu dos Mártires».*

*Foi palestrante o Prof. Doutor José Marques da Faculdade de Letras do Porto. Fez uma palestra com interesse. D. Frei Bartolomeu dos Mártires foi uma das figuras mais prestigiosas da Igreja em Portugal. Num tempo em que a Igreja estava em crise foi notável a sua intervenção no Concílio de Trento. Famosa a frase que então correu mundo e pelos vistos a história: «O ilustríssimo e reverendíssimo clero precisa de uma ilustríssima e reverendíssima reforma».*

*Pois foi sobre esta figura eclesiástica que o doutor José Marques dissertou. D. Frei Bartolomeu dos Mártires foi o reformador e o disciplinador da Província Eclesiástica de Braga. Foi um andarilho infatigável. Para aconselhar, para disciplinar, para incentivar. Tudo lhe servia de transporte. Naquela época, século XVI, estamos a ver o desconforto que isso proporcionava. Esteve duas vezes em Esposende.*

*Infelizmente esteve pouca gente como é costume. Presidiu o dr. Penteado Neiva. A propósito, dr. Neiva: quando sai o Boletim Cultural de Esposende?*

## OBRAS NO QUARTEL DOS BOMBEIROS

O edifício da Câmara de Esposende vai entrar em obras ainda no terceiro trimestre deste ano, prevendo-se um investimento da ordem dos 100 mil contos.

Para assinar o respectivo contrato-programa, deslocou-se àquela vila o Secretário de Estado da Administração Local e do Ordenamento do Território, dr. Nunes Liberato.

O Estado vai participar com 55 mil contos, verba que será faseada em três etapas: em 1991, 15 mil contos; 1992, 25 mil, e em 1993, 15 mil.

O projecto da obra, já quase concluído, prevê a remodelação e ampliação do actual edifício, com recuperação da parte norte e seu aproveitamento total.

Todas as secções da Edilidade ficarão alojadas no mesmo edifício, prevendo-se por isso uma maior funcionalidade dos vários departamentos camarários.

O turismo, que tem funcionado nessa zona, vai ter instalações próprias. No uso da palavra, o presidente Alberto Figueiredo informou que o orçamento para este ano ultrapassa o milhão de contos, verba nunca antes atingida.

A Câmara vai adjudicar dentro de dias o projecto do abastecimento de água a Esposende e do abastecimento de água e saneamento em Apúlia. Em Fão, foi adjudicado há tempos o projecto para nova rede de abastecimento de água uma vez que a actual se encontra em situação de ruptura. O total das obras em curso atinge os 700 mil contos. Por último, o autarca esposendense apelou para que seja resolvida a situação de 30 funcionários da Câmara.

Em resposta, Nunes Liberato revelou que a situação dos 30 funcionários a que aludiu o Presidente já foi resolvida por decreto-lei que aguarda a sua publicação no «Diário da República». Ainda no uso da palavra, aquele membro do Governo louvou a capacidade de negociação que a Câmara de Esposende tem revelado junto do Poder central. «O Governo — declarou — tem tido a melhor vontade de colaborar com as autarquias que apresentem projectos realistas e construtivos».

Logo após a cerimónia realizada em Esposende, o Secretário do Estado, acompanhado pelos édis municipais, dirigiu-se para Fão a fim de visitar o quartel dos Bombeiros que vai beneficiar de obras de vulto.

Segundo esclareceu aquele membro do Governo, o Estado participará com a verba estabelecida já há dois anos: cinco mil contos em 91, 24 mil em 92 e 19 mil em 93. Não haverá ajustamentos resultantes dos acréscimos inflacionários produzidos ao longo destes dois anos.

As obras, segundo referiu o presidente da Direcção, José Saraiva Marinho, começarão ainda este ano.

O NOVO  
FANGUEIRO  
FÃO